

JONAS MENDES DE QUEIROZ

**O SETOR COUREIRO: ANÁLISE DAS VANTAGENS
COMPARATIVAS PARA O CASO BRASILEIRO**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mello Garcias

CURITIBA
2010

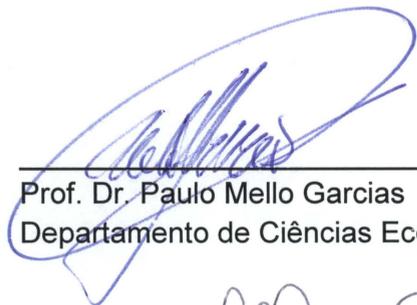
TERMO DE APROVAÇÃO

JONAS MENDES DE QUEIROZ

O SETOR COUREIRO: ANÁLISE DAS VANTAGENS COMPARATIVAS PARA O CASO BRASILEIRO

Monografia aprovada como requisito parcial à conclusão do curso de graduação de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Paulo Mello Garcias
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof.ª Françoise Iatski de Lima
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Othon Juruá Rolim de Souza Reis
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, julho de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, força e motivação para que nos percalços da caminhada não fosse eu desistir.

Aos meus pais, Pedro e Ivanir (*in memoriam*), aos meus irmãos Janete, Davi Daniel e em especial a Jójce, pelo apoio prestado na realização do curso.

A minha esposa Vanessa que sempre me apoiou e as minhas filhas Polyana e Pietra esta que foi a minha motivação para iniciar o curso, e ao meu filho do coração Matheus.

Ao Prof. Dr. Paulo Mello Garcias, que sempre tratou a todos com muita educação e respeito, procurando ouvir cada aluno e ajudar da melhor forma possível não importando se este era o aluno com as melhores notas ou não, seja na função de professor, de orientador de monografia ou na função de coordenador do curso de Ciências Econômicas.

Ao amigo Everton de Andrade, que foi meu companheiro nos trabalhos e pesquisas e pela amizade que fizemos desde meu ingresso na universidade. Ao apoio dado pelos amigos Cleverson e Marcel.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - REBANHO BOVINO PAISES DESENVOLVIDOS X PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO.....	22
TABELA 2 - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES E EXPORTADORES DE PEÇAS DE COURO BOVINO (PESO SALGADO MOLHADO / WET SALTED WEIGHT) – MILHARES DE TONELADAS.....	28
TABELA 3 - TABELA 3 –PRINCIPAIS IMPORTADORES E EXPORTADORES MUNDIAIS DE COUROS LEVES (LIGHT LEATHER) MILHÕES DE PÉS QUADRADOS.....	30
TABELA 4 – PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE PEÇAS DE COURO DO BRASIL (Unidades) – PROPORÇÃO DA EXPORTAÇÃO (%).....	34
TABELA 5 - VOLUME EXPORTADO PELO BRASIL POR TIPO DE COURO BOVINO NO PERÍODO 2002-2006.....	35
TABELA 6 - - DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COUROS E PELES (CAP.41 DA NCM) - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES E VARIAÇÃO NA PARTICIPAÇÃO.....	36
TABELA 7 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO - 1989 = 100.....	37
TABELA 8 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE COURO - EXPORTAÇÕES TOTAIS BRASILEIRAS E IMPORTAÇÕES MUNDIAIS - EM US\$.....	39
TABELA 9 - VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA DO BRASIL NO COMÉRCIO MUNDIAL DE COUROS 2000-2007.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO REBANHO BOVINO PAÍSES DESENVOLVIDOS E EM DESENVOLVIMENTO (1986-88=100).....	22
GRÁFICO 2 - EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE EXPORTAÇÕES X PREÇO MÉDIO X VOLUME EXPORTADO DO BRASIL.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	10
3. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 TEORIA DAS VANTAGENS ABSOLUTAS.....	11
3.2. TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS.....	11
3.3. A TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS NO MODELO HECKESCHER - OHLIN.....	13
3.4. A NOVA TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL.....	15
3.5. TEORIA DA CONCORRENCIA IMPERFEITA.....	15
3.6 CADEIA PRODUTIVA.....	16
4. METODOLOGIA	19
5. A EVOLUÇÃO DO REBANHO BOVINO MUNDIAL	21
5.1. O SETOR COUREIRO	23
5.2. CADEIA PRODUTIVA DO SETOR COUREIRO.....	25
5.2.1. OS CURTUMES	25
5.3. COMÉRCIO INTERNACIONAL DE COURO.....	26
5.3.1. MERCADO DE COURO 'WET SALTED'.....	27
5.3.2. O MERCADO DE COURO ' <i>LIGHT LEATHER</i> '.....	29
6. CARACTERÍSTICAS DO MERCADO COUREIRO BRASILEIRO	31
6.1. INTEGRANTES DA CADEIA PRODUTIVA E A QUALIDADE DO COURO NO CASO BRASILEIRO.....	31
6.2. A PRODUÇÃO DE COUROS NO BRASIL.....	33
6.3. DESTINAÇÃO DO COURO PARA UTILIZAÇÃO NO PRODUTO FINAL.....	34
6.4. DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO.....	35
7. VANTAGENS COMPARATIVAS BRASILEIRAS NO SETOR COUREIRO	39

8. CONCLUSÃO.....	42
9.REFERÊNCIAS.....	43

1. Introdução

A teoria do comércio internacional aborda o conceito de vantagens comparativas. Este conceito está relacionado aos benefícios que podem ser obtidos a partir dos diferentes níveis de especialização que cada nação apresenta na produção e comercialização de mercadorias. De acordo com o modelo de vantagens comparativas de Heckscher -Ohlin (H-O), a vantagem comparativa é resultado da diferenciação internacional da dotação dos fatores de produção.

Tendo como base a afirmação do CICB (2007), segundo a qual o Brasil possui o maior rebanho bovino comercial do mundo, com participação significativa no mercado internacional de couro, torna-se interessante verificar se esse setor exportador possui vantagens comparativas no comércio internacional.

O presente trabalho, portanto, busca analisar se o Brasil possui vantagem comparativa no setor de peles e couros e identificar as características das exportações do respectivo setor.

Para desenvolver o estudo, analisou-se a cadeia produtiva do setor coureiro; as características do mercado internacional do setor; a participação do Brasil neste segmento de mercado, analisados sob a ótica das teorias do comércio internacional.

No presente trabalho, a análise das vantagens comparativas das exportações brasileiras de couro se dá através de dados pós comércio, com a utilização do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), também denominado Índice de Balassa, o qual se fundamenta na Teoria de Vantagens Comparativas desenvolvido por Ricardo.

O procedimento adotado procura demonstrar se as vantagens aparentes que o Brasil possui em termos de território, tamanho de rebanho, e condições climáticas favoráveis entre outras, se refletem no comércio internacional do couro e derivados.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar a evolução da importação e exportação de couro, peles e seus derivados do mercado brasileiro entre 1989 e 2009, e as variáveis que explicam esse comportamento.

Objetivos específicos

Identificar se o Brasil possui vantagens comparativas no setor coureiro, no período estudado, através do índice de Balassa.

Identificar as principais variáveis e estratégias que influenciaram o comércio externo desse setor para o Brasil, no período estudado.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é realizada a apresentação das teorias as quais foram observadas na elaboração do presente trabalho, iniciando pela Teoria das Vantagens Absolutas de Smith, passando pela Teoria das Vantagens Comparativas de Ricardo, pela Teoria da Dotação dos Fatores de H-O e pela Nova Teoria do Comércio Internacional. Faz-se também, uma breve abordagem sobre a Teoria da Concorrência Imperfeita de Krugman.

A abordagem da Teoria de Cadeia Produtiva é de importância relevante pelo fato de que é necessário entender o setor coureiro como um todo e também os reflexos que as atitudes de cada integrante da cadeia produtiva do setor coureiro ocasionam no resultado final do produto.

3.1 TEORIA DAS VANTAGENS ABSOLUTAS

A idéia de vantagens derivadas do comércio internacional, ganha novos rumos com Adam Smith, através da Teoria das Vantagens Absolutas.

De acordo com a teoria das vantagens absolutas de Smith, quando uma nação é mais eficiente na produção de uma commodity, e menos eficiente em outra, cuja outra nação seja mais eficiente, cada nação deve especializar-se na produção da commodity em que possui maior eficiência, trocando os excedentes da produção com a outra nação, que possui maior eficiência na commodity em que esta é menos eficiente.

Porém, segundo SALVATORE (1998) as vantagens absolutas da teoria Smithiana, explica apenas uma parte muito pequena do comércio internacional nos dias de hoje.

3.2. TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS

De acordo com FASANO FILHO, é geralmente aceito que o desempenho econômico de um de um país pode ser melhorado, se este proceder à abertura de sua economia, passando a produzir e a exportar de acordo com as “vantagens

comparativas” que possui. O entendimento desta proposta é simples: “o crescimento é favorecido por uma maior eficiência no uso e na alocação de recursos, o que pode ser alcançado através do comércio internacional.” (FASANO FILHO, 1987, p.456) Isto ocorre pelo fato do comércio internacional acirrar a concorrência, forçando os setores produtivos trabalharem com maior eficiência, maximizado o bem estar do país

Esta abordagem está baseada em David Ricardo que, em 1817, aprimora a obra de Smith, apresentando a Lei das Vantagens Comparativas.

A diferenciação do modelo de Ricardo com o modelo de vantagem absoluta proposto por Smith, ocorre pelo fato do modelo ricardiano não considerar apenas as quantidades absolutas de trabalho, utilizadas na produção dos bens nos dois países. No modelo de Ricardo, “as quantidades relativas, [...], determinam as vantagens do comércio, o que amplia a possibilidade de comércio entre as nações.” ISTAKE (2003, p. 32).

Para ARBACHE (2002), conforme a teoria de comércio internacional de Ricardo, as vantagens comparativas baseiam-se na diferenciação de produtividade da mão-de-obra entre os países, como determinante do comércio internacional.

De acordo com SALVATORE (1998) a afirmação da teoria das vantagens comparativas do comércio de Ricardo, é que ainda que uma nação seja menos eficiente do que outra na produção das duas commodities, pode ainda haver ganho no comércio entre as duas nações. Para que ocorra tal evento, é necessário que a nação Um, especialize-se na produção e exportação da commodity a qual sua vantagem absoluta seja menor e deve importar da nação Dois, a commodity em que sua desvantagem absoluta seja maior.

A exceção à regra das vantagens comparativas de Ricardo, segundo SALVATORE (1998) ocorre quando “a desvantagem absoluta (que uma nação possui em relação à outra), esteja na mesma proporção para as duas commodities”. No entanto, este é um fato raro de coincidência, não afetando assim a utilização da lei das vantagens comparativas.

Para KRUGMAN (2001, p. 15) “um país possui vantagens comparativas na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção do bem em termos de outros bens é mais baixo que em outros países.”

De acordo com Haberler¹ (1936, citado por Salvatore 2000) a teoria das vantagens comparativas é explicada através da teoria do custo de oportunidade:

Gottfried Haberler veio em seu “socorro” explicando a lei das vantagens comparativas em termos da teoria do custo de oportunidade. Esta afirma que o custo de uma commodity é a quantidade de uma segunda commodity da qual se deve abrir mão para liberar recursos suficientes para produzir uma unidade adicional da primeira commodity. (SALVATORE, 2000, p. 28)

Dadas as vantagens comparativas existentes, a especialização na commodity em que se é mais eficiente, através do comércio internacional, possibilita que os países consumam mais do que poderiam consumir, caso produzissem todas as commodities de que necessitam de forma independente, aumentando assim o bem estar social das nações.

O modelo ricardiano possui imperfeições as quais limitam a capacidade de explicação do comércio internacional. A principal crítica ao modelo ricardiano, de acordo com ARBACHE (2002), “está no pressuposto de que só o trabalho é utilizado na produção de bens e serviços e que o coeficiente trabalho/produto é fixo.” Porém a produtividade do trabalho, pode ser aumentada com maior utilização de capital, em que os países com abundância de capital, podem alocá-lo na produção aumentando a produtividade da mão de obra.

3.3. A TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS NO MODELO HECKESCHER - OHLIN

A teoria de Heckscher – Ohlin (H-O), inova a teoria das vantagens comparativas. Segundo SALVATORE (1998) o teorema H-O destaca a diferença na abundância da dotação dos fatores de produção entre as nações, como sendo a

¹HABERLER, G. The Theory of International Trade. Londres: W. Hodge and Co, 1936.

causa determinante das vantagens comparativas e do comércio internacional. Fato este, que o faz ser conhecido como “Teoria das Proporções dos Fatores ou das Dotações dos Fatores”. Assim, SALVATORE (1998) aponta que, segundo a teoria H-O, cada nação se especializa em produzir e exportar a commodity mais intensiva de seu fator de produção relativamente mais abundante e barato, e passa a importar a commodity que seja intensiva em seu fator relativamente escasso e caro.

FASANO FILHO (1987) também afirma que, pela teoria do comércio internacional de Heckscher -Ohlin (H-O), a vantagem comparativa é resultado da diferenciação internacional da dotação dos fatores de produção. Os países exportam commodities, as quais utilizam fatores de produção mais abundantes na nação, haja vista, estes serem relativamente mais baratos antes do comércio.

De acordo com ISTAKE (2003), no modelo Heckscher – Ohlin, a diferença relativa na dotação dos fatores de produção dos países, ocasiona diferente remuneração relativa a esses fatores. Sendo que, para os fatores escassos, os preços tendem a ser maiores quando comparados aos preços relativos dos fatores abundantes da nação. Caso existisse completa mobilidade de fatores entre os países, o trabalho tenderia a se deslocar em busca de melhores salários e o capital buscaria países em que seu retorno fosse maior. Através desse mecanismo seriam eliminadas, assim, as diferenças nas dotações de fatores com a equalização na remuneração entre os países. Segundo SALVATORE (1998) para o teorema H-O, o crescimento do comércio internacional, opera como fator contributivo para a redução da diferença dos preços dos fatores entre as nações. O limite para o comércio internacional é a equalização dos preços das commodities, mesmo não havendo mobilidade de fatores entre os países.

Desta forma, para SALVATORE (1998) o teorema H-O, não apenas admite as vantagens comparativas, mas as explicam. No teorema H-O, a dotação (abundância ou escassez) e os custos dos fatores de produção, são os causadores das diferenças nos preços relativos das commodities das nações, que se transformam nas diferenças de preços absolutos dos fatores de produção e das commodities entre as nações, fato este que é a causa principal do comércio internacional.

Para ISTAKE (2003), na abordagem de Heckscher – Ohlin do comércio internacional, haja vista a diferenciação das quantidades de fatores entre os países,

o país que possuir abundância relativa de capital, deve especializar-se na produção de bens que exijam o fator capital de forma intensiva, exportando esses bens, e importar bens que necessitem maior quantidade do fator trabalho, fator relativamente mais escasso.

3.4. A NOVA TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Para MACHADO (2000) dados os novos rumos tomados pela teoria da organização industrial a partir da década de 80, os fundamentos do comércio internacional foram alterados, afetando assim diretamente as reflexões teóricas do comércio internacional.

Embora os novos modelos de comércio internacional não descartem o papel das vantagens comparativas, diferente do que atesta o modelo tradicional desenvolvido por Ricardo/Heckscher-Ohlin, existe espaço para o comércio internacional, ainda que as preferências dos consumidores e a tecnologia de produção sejam parecidas. Pois, havendo especialização na produção de certas commodities, ocorrem ganhos de escala de produção, que seria impossível de acontecer se a nação optasse pela produção de uma gama maior de bens.

Mesmo com o advento da tecnologia e facilidades de produção, MACHADO (2000) considera importante a realização do comércio internacional, pois este proporciona ganhos de escala com a especialização das nações. A existência desta troca faz com que a melhor política econômica seja aquela que assegure a especialização da nação na produção de bens em que as economias de escala sejam maiores. Este aspecto demonstra a relevância da teoria das vantagens comparativas nas teorias mais modernas do comércio internacional.

3.5. TEORIA DA CONCORRENCIA IMPERFEITA

De acordo com KRUGMAN (2001), num mercado de concorrência imperfeita, as decisões das firmas podem influenciar os preços de mercado. Suas ações interferem diretamente nas demais participantes e uma empresa só pode aumentar sua fatia no mercado com diminuição em seus preços.

Na concorrência imperfeita, então, as firmas estão conscientes de que podem influenciar os preços de seus produtos e que podem vender mais somente por meio da redução de seus preços. A concorrência imperfeita é característica tanto de indústrias nas quais há alguns poucos e grandes produtores como das indústrias nas quais o produto de cada produtor é visto pelos consumidores como intensamente diferenciado dos produtos dos concorrentes. Sob estas circunstâncias cada firma considera-se uma formadora de preços, escolhendo o preço de seu produto, em vez de uma tomadora de preço. KRUGMAN (2001, p. 128)

Neste tipo de mercado as empresas não são simples tomadoras de preços, mas podem afetar diretamente estes.

3.6. CADEIA PRODUTIVA

A fim de se identificar variáveis que influenciam as exportações de couro por parte do Brasil, faz-se necessário analisar a cadeia produtiva a qual engloba o setor coureiro e uma rápida incursão em torno da discussão conceitual de cadeias produtivas. Batalha explica que

Durante a década de 60 desenvolveu-se no âmbito da escola industrial francesa a noção de analyse de filière. Embora o conceito de filière não tenha sido desenvolvido especificamente para estudar a problemática agroindustrial, foi entre os economistas agrícolas e pesquisadores ligados aos setores rural e agroindustrial que ele encontrou seus principais defensores. Com sacrifício de algumas nuances semânticas, a palavra filière será traduzida para o português pela expressão cadeia de produção e, no caso do setor agroindustrial cadeia de produção agroindustrial ou simplesmente cadeia agroindustrial – CPA, (BATALHA, 1997, p.24).

O sistema de cadeias de produção compreende todas as etapas desenvolvidas no processo produtivo, desde o início da produção até o consumo final do bem. A compreensão do sistema como um todo possibilita a identificação de fatores que podem contribuir com o melhor aproveitamento dos fatores de produção até o bem acabado.

De acordo com CASTRO (2002), a análise de cadeia produtiva no setor agropecuário, no caso brasileiro, tem aprofundamento no início da década de 90, por parte da Embrapa, em busca de um marco conceitual que possibilite lidar com a

análise do ambiente externo, a fim de determinar estratégias que pudessem orientar o alinhamento da instituição com o ambiente externo.

Os primeiros trabalhos englobando a cadeia produtiva na agropecuária, surgiram na década de 80, e foram amplamente expandidos na década de 90. “Contribuiu para esta expansão o desenvolvimento de ferramentas analíticas consistentes (Castro et al., 1995 e 1998; Zylbersztajn,1994; Batalha,1998”) CASTRO (2002, p.6). Conforme Castro,

(...). Estas contribuições ampliaram o uso do enfoque sistêmico e de cadeias produtivas em estudos e projetos de desenvolvimento, para ampliar a compreensão, a intervenção e a gestão no desempenho da agricultura.

O enfoque de cadeia produtiva provou sua utilidade, para organizar a análise e aumentar a compreensão dos macroprocessos de produção e para se examinar desempenho desses sistemas, determinar gargalos ao desempenho, oportunidades não exploradas, processos produtivos, gerenciais e tecnológicos. (CASTRO, 2002, pg. 6 e 7)

De acordo com BATALHA (1999), uma das características de cadeias agroindustriais é a de que esse sistema não se constitui apenas de uma mera soma das partes de um todo, mas, assume que o sistema expressa a totalidade dos elementos que o constitui como pecuaristas, cooperativas, frigoríficos, curtumes, sindicatos, etc.

Pode-se dizer que uma cadeia de produção pode ser compreendida como sendo:

(...) uma sucessão de operações de transformação dissociáveis, capazes de ser separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico (...) e também um conjunto de relações comerciais e financeiras que estabelecem, entre os estados de transformação, um fluxo de troca, situado de montante a jusante, entre fornecedores e clientes. (BATALHA, 1997, p.24)

Os setores e as ações de cada setor que compõem cada elo da cadeia de produção agroindustrial, muitas vezes não são facilmente identificáveis, sendo que a segmentação das cadeias produtiva pode variar muito, devido ao tipo de produto e

objetivo o qual se pretende alcançar, podendo a cadeia produtiva ser dividida de jusante (produto final) a montante (matéria prima) e também em quatro mercados, conforme descrito por Batalha:

A existência destes mercados permite a “articulação” dos vários macrosssegmentos, bem como das etapas intermediárias de produção que os compõem. Dentro de uma cadeia de produção agroindustrial típica podem ser visualizados no mínimo quatro mercados com diferentes características: mercado entre os produtores de insumos e os produtores rurais, mercado entre os produtores rurais e agroindústria e distribuidoras e, finalmente, mercado entre distribuidores e consumidores finais. O estudo das características destes mercados representa uma ferramenta poderosa para compreender a dinâmica de funcionamento da CPA. (BATALHA, 1997,p.27)

No presente trabalho busca-se identificar a cadeia produtiva do setor coureiro, a partir do pecuarista (criador de gado), relacionando os efeitos das formas e procedimentos adotados em cada segmento no comércio do setor coureiro.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho busca analisar se o Brasil possui vantagem comparativa no comércio internacional, no setor de Peles e Couros e identificar a orientação das exportações do respectivo setor

Busca-se ainda identificar os fatores que afetam o volume de produção e exportação do setor coureiro brasileiro, através da descrição de sua cadeia produtiva. Os dados serão obtidos do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Sistema ALICE), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), junto aos endereços eletrônicos da: Organização Mundial do Comércio (OMC), e também a pesquisa bibliográfica em livros e revistas especializadas. Dados estes, referentes à importação e exportação de couros e peles por parte do Brasil no comércio Mundial do produto.

Os dados são apresentados em dólares americanos (US\$).

A competitividade do Brasil no setor coureiro é mensurada através do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), de Balassa (1989), o qual se fundamenta na Teoria de Vantagens Comparativas desenvolvido por Ricardo (1817).

A Vantagem Comparativa Revelada, (VCR), proposta por Balassa (1965 e 1977), utiliza critérios após a realização do comércio internacional, sendo um dos métodos mais utilizado para determinar vantagens comparativas. O princípio é de que a realização do comércio revela as vantagens existentes.

De acordo com FASANO FILHO, “É revelada, porque enquanto a vantagem comparativa de um país deveria ser especificada por meios relativos pré-comércio, esta abordagem é baseada naqueles preços pós comércio ou em dados de comércio observados.” (1987, p.459 / 462)

A vantagem comparativa revelada define-se pela expressão:

$$IVCR=(X_{ia}/X_a)/(M_i/M)$$

Sendo que:

X_{ia} são as exportações do produto “i” pelo país “a”;

X_a são as exportações totais do país "a";

M_i são as importações mundiais do produto "i";

M são as importações mundiais.

Como resultado desta equação, podemos ter:

Quando o IVCR $i,a > 1$: o país "a", possui vantagens comparativas reveladas nas exportações do produto "i".

Quando o IVCR $i,a < 1$: o país "a", não possui vantagem comparativa revelada na exportação do produto "i".

Segundo BALASSA (1989), o desempenho relativo das exportações de um país em uma categoria de produtos deve ser entendido como refletindo suas vantagens comparativas

Cabe observar que no comércio internacional de produtos agropecuários é bastante distorcido, pois existem subsídios à exportação e barreiras comerciais, que podem viesar a análise. Nos casos em que o Brasil tem grande participação no mercado internacional e enfrenta barreiras comerciais, o cálculo do índice pode subestimar as reais vantagens comparativas brasileiras, FASANO FILHO (1987).

5. A EVOLUÇÃO DO REBANHO BOVINO MUNDIAL

De acordo com estudo elaborado pelo CICB (Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil) no ano de 2007, sobre o Mercado Mundial do Couro e a Inserção do Brasil neste, nas duas últimas décadas vem ocorrendo deslocamento na criação mundial de gado, com redução nos rebanhos bovinos nos Países Desenvolvidos e aumento dos rebanhos dos Países em Desenvolvimento.

Como fatores contribuintes para esta mudança na geografia da criação de gado, com redução da participação dos Países Desenvolvidos e expansão dos rebanhos em Países em Desenvolvimento, estão: “mudanças em hábitos alimentares, redução do consumo de carne, pressão dos ambientalistas contra o uso de peles em roupas nestes países.” CICB. (2007, p.22).

Como demonstração desta tendência, temos o rebanho bovino dos Estados Unidos, que em meados dos anos oitenta, contava com um 102,4 milhões de cabeças, caindo em 2004 para 94,9 milhões de cabeça e, de acordo com projeções realizadas pelo CICB, no ano de 2015 o rebanho bovino dos Estados Unidos será de 89,9 milhões. Ressalta-se ainda, de acordo com o CICB, que a redução mais expressiva no rebanho bovino ocorreu na Rússia, que contava com 54,7 milhões no ano de 1992, e em 2004 reduziu para apenas 24,9 milhões, que representa uma queda de 54,5% em seu rebanho. Mantido mesmo ritmo de redução no rebanho, o CICB projeta que no ano de 2015 a Rússia contará com menos de 20 milhões de cabeças.

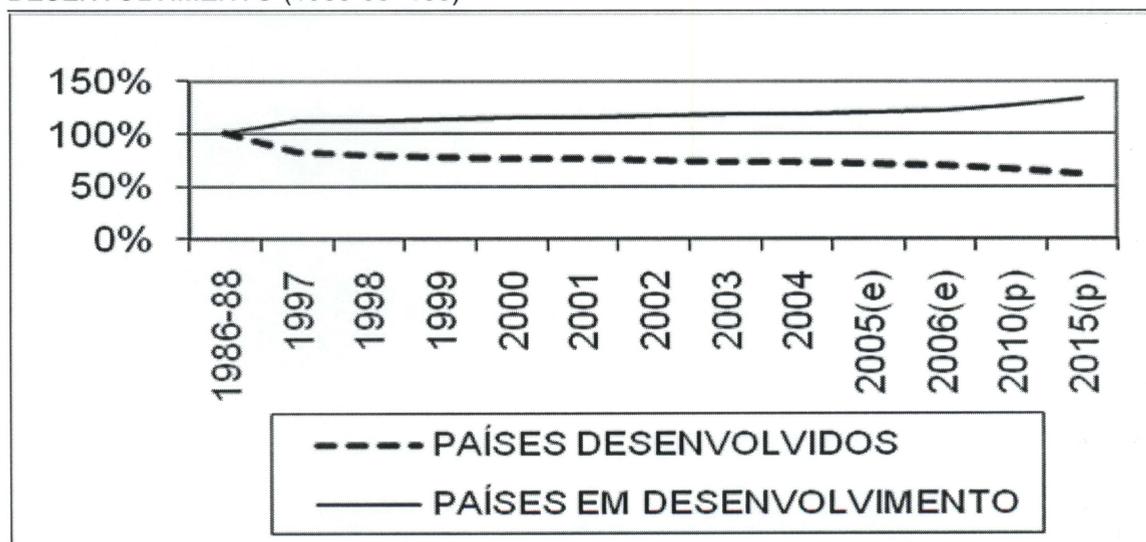
TABELA 1 – REBANHO BOVINO PAÍSES DESENVOLVIDOS X PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

ANO	Mundo	PAÍSES DESENVOLVIDOS	Participação (%)	PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO	Participação (%)
1986-88	1.410,30	409,30	29,02	1.001,00	70,98
1997	1.467,20	351,10	23,93	1.116,10	76,07
1998	1.468,10	339,50	23,13	1.128,60	76,87
1999	1.472,20	333,20	22,63	1.139,00	77,37
2000	1.475,70	329,50	22,33	1.146,20	77,67
2001	1.484,40	326,60	22,00	1.157,80	78,00
2002	1.495,60	324,90	21,72	1.170,70	78,28
2003	1.505,60	321,60	21,36	1.184,00	78,64
2004	1.511,30	317,30	21,00	1.194,00	79,00
2005(e)	1.517,80	314,20	20,70	1.203,60	79,30
2006(e)	1.524,40	311,00	20,40	1.213,40	79,60
2010(p)	1.564,40	299,50	19,14	1.264,90	80,86
2015(p)	1.612,60	285,40	17,70	1.327,20	82,30

FONTE: FAO. (e) estimativa. (p) projeção. ELABORAÇÃO CICB (2008)

Por outro lado, temos o crescimento no rebanho bovino de países como China e Brasil. A China que em meados dos anos oitenta contava com um rebanho de 91,2 milhões de cabeças, em duas décadas (1986 a 2006), expandiu seu rebanho em 41,2%, passando em 2006 a contar com 133,7 milhões de cabeças.

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO REBANHO BOVINO PAÍSES DESENVOLVIDOS E EM DESENVOLVIMENTO (1986-88=100)



ELABORAÇÃO: AUTOR

O gráfico acima demonstra o crescimento do rebanho bovino nos Países Subdesenvolvidos e a redução nos Países Desenvolvidos, conforme Tabela 1, a redução nos Países Desenvolvidos não é devido a um crescimento menor e sim por

uma redução real no rebanho. O crescimento do rebanho bovino nos Países em desenvolvimento é bem representado pelo caso brasileiro.

O Brasil, possuidor do maior rebanho comercial do mundo, de acordo com dados da FAO e projeções do CICB, teve expressivo crescimento no rebanho bovino, passando de 136,9 milhões de cabeças em 1986-88, para 193,2 milhões em 2004 e 204,7 milhões de cabeças em 2006, podendo chegar a um rebanho de 255,8 milhões de cabeças em 2015.

Conforme o CICB,

O grande diferencial brasileiro em relação a estes outros países está no potencial de crescimento de seu rebanho. Com território superior a 850 milhões de hectares, o Brasil é uma das poucas nações com capacidade de expandir sua área de pastagem (de aproximadamente 200 milhões de hectares), sem comprometer espaços de preservação ambiental. (CICB, 2007, p. 30)

Como reflexo da expansão dos rebanhos bovinos nos Países em Desenvolvimento, tem-se a expansão da participação destes na produção de peças de couro, passando de 139,2 milhões de peças em meados dos anos oitenta para 219,9 milhões de peças no ano de 2004. Desta forma, os Países em Desenvolvimento, elevaram sua participação no mercado mundial de couro, passando de 47,7% em meados dos anos oitenta, para 66,7% em 2004. De acordo com projeções do CICB, para o final da década de 2010, a participação dos Países em Desenvolvimento no comércio mundial de couro será de 73,8%.

5.1. O SETOR COUREIRO

O produto couro é um subproduto derivado principalmente do setor da bovinocultura de corte destinada à produção de carne, constituindo um elemento de grande importância dentro do sistema agroindustrial. Santos explica que:

O mercado de couro cru esta subordinado ao mercado de carne bovina, que por sua vez, depende do nível do poder de compra, do preço das carnes substitutas, da demanda do mercado internacional e da estocagem, além do surto de epidemias de doenças, secas ou inundações em áreas de

criação, que podem diminuir a oferta de couro com reflexos sobre o preço. Assim sua oferta responde aos estímulos ao mercado de carne e não ao preço ou à demanda de couro curtido.

A produção de couro começa na atividade pecuária, seguida pelo abate dos animais, o descarte nos abatedouros e a aplicação de conservantes. A pele, nesse estágio, é tratada no frigorífico ou vendida para os curtumes, onde será submetida a outros processos até que se obtenha o couro. (SANTOS, et al, 2002, p.4)

O Brasil possui grande participação no comércio mundial coureiro com grande potencial de crescimento neste mercado dado as disponibilidades de fatores de produção favoráveis tais como: “disponibilidade de área de baixo custo, clima favorável, raças adaptadas e adoção de novas tecnologias de manejo e melhoria genética”, Ropke e Palmeira (2006, p. 3).

GORINI (2002), no artigo “Complexo Coureiro – Calçadista Nacional: Uma Avaliação do Programa de Apoio do BNDES”, afirma que o Brasil possui o maior rebanho bovino mundial destinado ao comércio, apesar do rebanho da Índia ser o maior do mundo, mas que enfrenta dificuldades de comercialização por motivos religiosos. Por este motivo o Brasil tem vantagem competitiva no segmento em relação à Índia.

Um país com um grande rebanho, pode possuir maior rapidez e facilidades ao acesso às matérias primas oferecidas por este, como por exemplo, os produtos derivados do leite, a carne e o couro, possuindo ganhos de escala na produção.

5.2. CADEIA PRODUTIVA DO SETOR COUREIRO

A cadeia produtiva do setor coureiro pode ser descrita conforme representação abaixo:

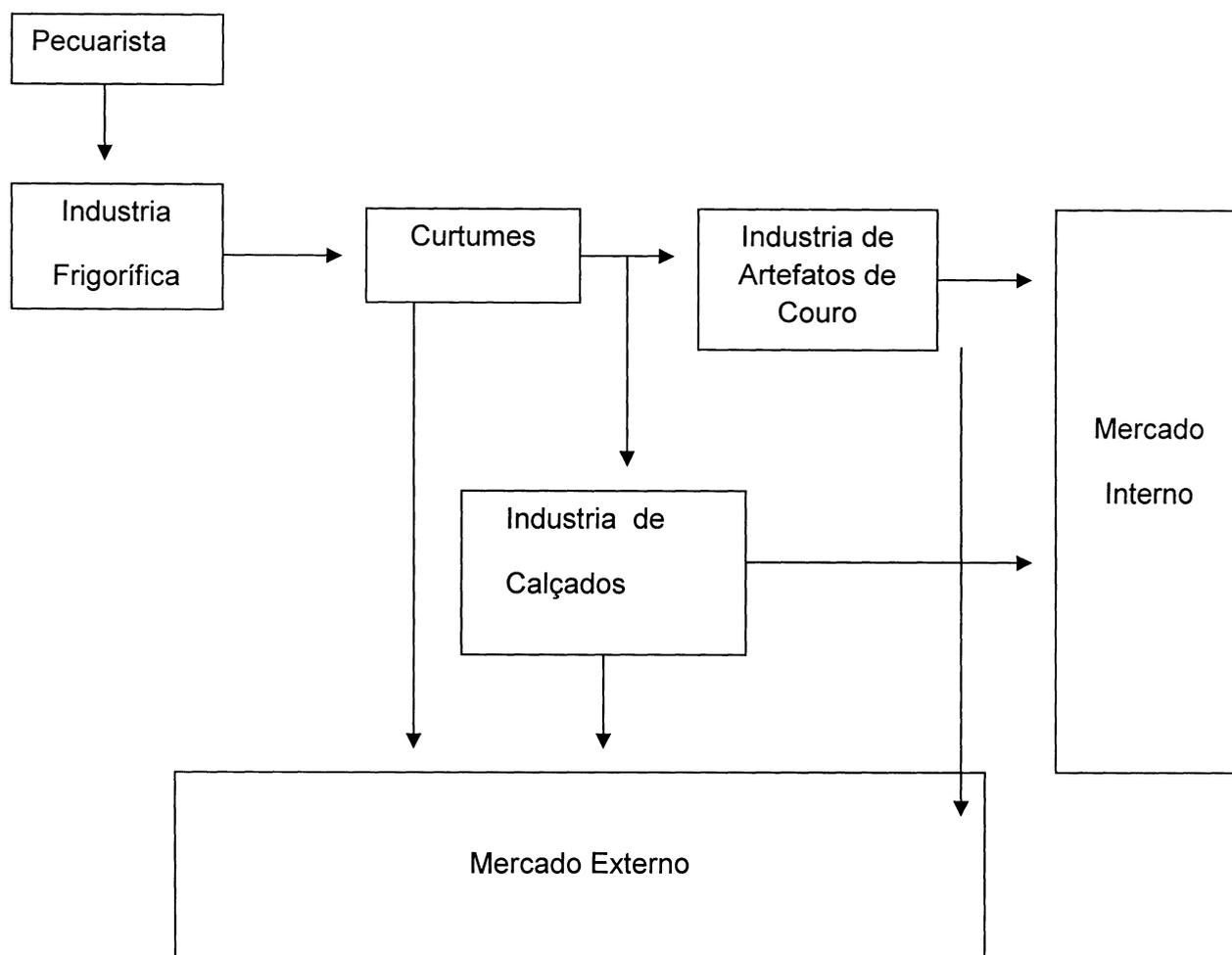


FIGURA 1 – CADEIA PRODUTIVA DO SETOR COUREIRO

FONTE – O AUTOR

5.2.1. OS CURTUMES

De acordo com SANTOS, et al, (2002), os curtumes podem ser classificados conforme sua atuação no processo de beneficiamento do couro, como sendo:

Curtume de Wet Blue – este tipo de curtume realiza o primeiro processamento de couro, logo após o abate. O couro é salgado ou, em sangue são retirados os pelos, removidas graxas e gorduras, ocorrendo o primeiro banho de cromo. O couro

passa a apresentar um tom azulado e molhado, por isso a denominação *wet blue*. Este é o processo que trás maior impacto ambiental negativo, devido o uso do cromo.

Curtume de Semi-Acabado – para atingir um nível semi-acabado, após o processo descrito no item anterior o couro passa por uma nova etapa de curtimento com a finalidade de refinar a espessura e homogeneizar a textura. Com esse tratamento fica pronto para se transformar no produto acabado.

Curtume de Acabamento – é a etapa do processo produtivo que transforma o couro *crust* (semi acabado) em produto acabado. A peça segue para estamparia e tingimento, de onde sairá maleável e sedoso.

Os curtumes podem realizar apenas parte do processo de beneficiamento do couro ou podem realizar todas as etapas do beneficiamento do mesmo. Os curtumes que realizam todas as etapas de beneficiamento do couro são denominados de Curtumes Integrados.

Além dos tipos de couro acima descritos, existe a forma do couro salgado, onde o couro não sofre nenhum tipo de beneficiamento. Este é apenas salgado pelo frigorífico e encaminhado aos curtumes para posterior beneficiamento ou destinado à exportação, podendo permanecer neste estágio por até seis meses. O volume do comércio internacional por parte do Brasil neste segmento do mercado de couro é pequeno.

5.3. COMÉRCIO INTERNACIONAL DE COURO

No comércio internacional do couro, observa-se que os países participantes, aparecem como importadores e exportadores ao mesmo tempo, sendo a China a maior exportadora e importadora simultaneamente, de couros do planeta.

O comércio internacional do couro bovino pode ser dividido em dois segmentos de acordo com a FAO, “o de peças de Couro de Peso Salgado Molhado (*Wet Salted Weight*), não acabado e o de Peças de Couro Leves (*Light Leather*), maior valor agregado” CICB (2008, pgs. 147 e 148).

5.3.1. MERCADO DE COURO 'WET SALTED'

Segundo o CICB, o mercado de couro *'wet salted'* é um mercado de pouco dinamismo, sendo que nas últimas duas décadas, teve crescimento de apenas 18,5%.

Este segmento de mercado é caracterizado por ser um segmento de baixo valor agregado, sendo a China a maior importadora mundial neste segmento. O segmento oferece possibilidades interessantes a seus integrantes, pois podem comprar peças de baixo valor, manufaturá-las e vender produtos com maior preço agregado.

Conforme dados do CICB (2008), a China que respondia por apenas 7,8% do comércio deste segmento, chegou a 2003 sendo responsável por 34,9% do comércio internacional de couro *'wet salted'*. Por outro lado, a Itália que ainda possui expressiva participação neste comércio, sua posição como importadora é declinante, passando sua participação de 19,6% em meados dos anos oitenta, para 15% em 2006.

Cumprе esclarecer, que podem ocorrer variações no mercado italiano, variações estas, motivadas pelo fato do mercado local estar voltado para questão da moda. Em anos que as coleções dos estilistas apresentam couro como tendência pode ocorrer picos na importação do produto, mercado este que é flutuante onde o exportador corre riscos dado a possibilidade na mudança de tendências dos estilistas.

Embora o Brasil apareça na 9ª posição como importador e na 7ª posição como exportador no mercado internacional no segmento de couro *'wet salted'*, sua participação corresponde a apenas 0,2% e 0,3%, do mercado mundial.

TABELA 2 – PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES E EXPORTADORES DE PEÇAS DE COURO BOVINO (PESO SALGADO MOLHADO / WET SALTED WEIGHT) – MILHARES DE TONELADAS

IMPORTADORES	1986-88	Em (%)	1989-91	1996	1997	1999	2000	2001	2002	2003	2006(e)	2006(e) em%
CHINA	151,2	7,8%	102,3	350	335	485,8	585,5	675,5	738,5	805,4	1072	45,2%
ITALIA	382,7	19,6%	390,9	523,5	495,2	434,5	516,4	458,5	448,9	347,2	346,2	14,6%
COREIA	301,6	15,5%	373,4	321,3	323,2	255,2	253,7	243	249,1	197,4	196,8	8,3%
TAILANDIA	48,8	2,5%	83,6	107,7	100	111,8	104,9	116,9	130	104,8	104,7	4,4%
ALEMANHA	71,7	3,7%	64,8	56,7	65,4	82,4	91,8	105,9	138,3	102,4	102,3	4,3%
MÉXICO	43,9	2,3%	59,8	77,5	128,9	139,7	101,7	82,1	57,6	73,2	73,1	3,1%
ÁUSTRIA	24,1	1,2%	19,8	32,8	41,7	58,5	78,5	72,4	61,3	70,3	70,3	3,0%
EUA	16,4	0,8%	32,3	76,8	73,4	68,5	65,6	65	76,1	63,9	63,9	2,7%
BRASIL	11,2	0,6%	2,2	1,1	0,6	0,7	1,8	0,1	5,8	4,7	4,8	0,2%
OUTROS	896,80	46,0%	829,00	732,90	746,80	599,30	575,70	530,90	525,30	540,10	338,00	14,2%
MUNDO	1948,40	100,0%	1958,10	2280,30	2310,20	2236,40	2375,60	2350,30	2430,90	2309,40	2372,10	100,0%
EXPORTADORES	1986-88	Em (%)	1989-91	1996	1997	1999	2000	2001	2002	2003	2006(e)	2006(e) em%
EUA	684,8	36,2%	641,3	733,7	685,3	548,1	628,6	707,1	687,3	658,6	657,8	30,6%
AUSTRÁLIA	118,9	6,3%	130,2	90,6	129,6	118	133	142,5	141,6	155,3	156,2	7,3%
FRANÇA	160,9	8,5%	148,4	146,5	150,4	149,1	143,8	142,5	152,7	147	156,2	7,3%
ALEMANHA	130,2	6,9%	134,3	131,4	124,9	118,4	132,7	131,8	177,6	145,3	146,2	6,8%
CHINA	36,2	1,9%	39,9	31,2	47,5	125,4	160	147,3	121,8	102,8	106,5	4,9%
RÚSSIA	55	2,9%	111	181	198	129	123,2	74,2	18,6	8,2	8	0,4%
BRASIL	0	0,0%	0,1	23,5	14,9	8,8	3,2	7,4	7,2	5,6	5,5	0,3%
OUTROS	708,3	37,4%	721,7	919,1	940,7	961,5	960,4	913,9	1005,6	960,2	916	42,6%
MUNDO	1894,3	100,0%	1926,9	2257	2291,3	2158,3	2284,9	2266,7	2312,4	2183	2152,4	100,0%

FONTE: CICB (2008)

5.3.2. O MERCADO DE COURO 'LIGHT LEATHER'

De acordo com o CICB (2008), o mercado de couros leves, possui os mesmos integrantes do mercado de couros salgados, tendo maior participação os Estados Unidos, China, Itália, Coréia e Alemanha.

Este mercado, diferente do mercado de couro *wet salted*, é extremamente dinâmico, sendo que de meados dos anos oitenta até o ano de 2003, as importações neste segmento cresceram aproximadamente 300%, sendo um dos fatores para tal evolução a participação da China neste. Onde, de acordo com o CICB (2008), em meados dos anos oitenta exportava cerca de 512,2 milhões de pés quadrados, passou a exportar 5,8 bilhões de pés quadrados em 2003.

Neste segmento, a Itália também aparece como grande participante, em meados dos anos oitenta suas importações correspondiam a 387,6 milhões de pés quadrados e suas exportações a 499,8 milhões, enquanto que no ano de 2003 passaram a corresponder a 910,7 milhões e 1,8 bilhão de pés quadrados respectivamente.

Enquanto o Brasil vem se firmando como um dos maiores exportadores no segmento de couros leves, 651,6 milhões de pés quadrados em 2003, sua participação nas importações é pouco expressiva, pois no mesmo período importou apenas 34,8 milhões de pés quadrados, CICB (2008). Como resultado desta participação brasileira no comércio internacional de couros leves, o Brasil apresenta "Superávit", sendo fonte de divisas para o país.

TABELA 3 –PRINCIPAIS IMPORTADORES E EXPORTADORES MUNDIAIS DE COUROS LEVES (LIGHT LEATHER) MILHÕES DE PÉS QUADRADOS

IMPORTADORES	1986-88	Em (%)	1989-91	1996	1997	1999	2000	2001	2002	2003	2006(e)	2006(e) em%
CHINA	683,3	21,4%	1169,4	2730,6	2894,8	7133,5	7882	8545	8385,3	8739,6	9973,3	79,1%
ITALIA	387,6	12,1%	482	826,8	886,6	861,3	1136,1	1146,3	969,7	910,7	938,3	7,4%
EUA	286,4	9,0%	344,7	503,4	592,6	606,8	661,1	578,7	492,6	451,5	434,1	3,4%
CORÉIA	215,2	6,7%	234,4	229,9	221,8	241,3	227,9	286,2	347,1	402,8	588,9	4,7%
ESPAÑA	122,7	3,8%	273,1	197	221,3	199	206,3	244,3	257,7	258,5	273,5	2,2%
ALEMANHA	258,1	8,1%	267,4	212,2	210,2	219,4	243,5	215,1	237,8	219,2	223,4	1,8%
INDONÉSIA	3,6	0,1%	33,4	172,3	171,4	120	135,3	124,7	95,4	137,2	151,2	1,2%
BRASIL	109,9	3,4%	50	41,9	73,4	22,3	60,6	38,4	35,3	34,8	32,7	0,3%
OUTROS	1133,00	35,4%	1461,80	5259,60	5103,10	1306,10	1479,50	1508,80	1612,30	1580,30	0,10	0,0%
MUNDO	3199,80	100,0%	4316,20	10173,70	10375,20	10709,70	12032,30	12687,50	12433,20	12734,60	12615,50	100,0%
EXPORTADORES	1986-88	Em (%)	1989-91	1996	1997	1999	2000	2001	2002	2003	2006(e)	2006(e) em%
CHINA	512,2	15,5%	913,3	4224,9	4398,1	4125,3	4839,5	5578,7	5634,1	5841,8	6720,2	47,9%
BRASIL	173	5,2%	347,6	406,8	445,4	452,7	461	489,6	600,6	651,6	838,7	6,0%
ARGENTINA	253	7,6%	269,7	184,2	207,4	219,5	238,4	274	232,2	280,8	330,5	2,4%
CORÉIA	165	5,0%	605,6	1507,7	1173	829	891,8	804,4	702,7	693,7	627,3	4,5%
EUA	237,4	7,2%	405,7	588,9	762,2	881,7	1001,1	894,9	726,7	627,8	643,4	4,6%
ALEMANHA	138,3	4,2%	185	182,2	222,5	258,3	326,2	280,9	256,5	248,4	242,5	1,7%
ITALIA	499,8	15,1%	430,6	1237,7	1317,9	1399	1942,6	1938,1	1731,7	1821,7	2169,7	15,5%
OUTROS	1336,2	40,3%	1517,5	1688,7	1770,3	1790	2033,9	1950,7	2027,7	2080,9	2443,4	17,4%
MUNDO	3314,9	100,0%	4675	10021,1	10296,8	9955,5	11734,5	12211,3	11912,2	12246,7	14015,7	100,0%

FONTE: CICB (2008). (e) estimados.

6. CARACTERÍSTICAS DO MERCADO COUREIRO BRASILEIRO

Segundo Ropke e Palmeira (2006, pg. 3), o Brasil congrega cerca de 10 mil indústrias no setor coureiro, entre indústrias de curtumes, calçados, componentes e máquinas e artefatos.

A partir desta informação é possível interpretar o setor como sendo de concorrência.

Concorrência: situação de regime de iniciativa privada em que as empresas competem entre si, sem que nenhuma delas goze de supremacia em virtude de privilégios jurídicos, força econômica ou posse exclusiva de certos recursos. (SANDRONI;PAULO, 2006, p. 172).

Os curtumes são apenas uma parcela da indústria do couro, sendo que de acordo com estimativas do SEBRAE, o setor coureiro emprega mais de 500 mil pessoas e tem uma movimentação de recita anual superior a US\$ 21 bilhões, possuindo maior concentração geográfica no Estado de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.

Atualmente, existem cerca de 800 empresas curtumistas formalmente registradas que empregam 45 mil pessoas e produzem mais de 44 milhões de peças de couro por ano, respondendo por mais de 13% da produção mundial, em torno de 336 milhões de peças/ano. O Brasil ocupa a segunda posição na produção mundial de couro, atrás apenas da China. CICB (2007, p. 101).

6.1. DOS INTEGRANTES DA CADEIA PRODUTIVA E A QUALIDADE DO COURO NO CASO BRASILEIRO

A cadeia produtiva do couro possui diversas etapas onde a mercadoria passa por diversos agentes até que se tenha o produto em si. A falta de conhecimento ou o despreparo dos agentes ocasionam perda de valor no produto final, o couro.

Os problemas começam na criação do gado de corte, destinado a produção de carne. O agropecuarista, por não receber um valor discriminado pelo couro, muitas vezes deixa de cuidar deste produto da melhor forma possível. De acordo

com o CICB, 2007, o valor final do boi é composto da seguinte forma: “corte traseiro 57%, corte dianteiro 22%, ponta de agulha 9%, couro verde 7% e subprodutos 5%”.

Como reflexo do desconhecimento da do valor do produto “couro”, por parte do pecuarista, tem-se que aproximadamente 60% dos defeitos encontrados no couro bovino originam da má criação do gado. Segundo dados da Embrapa apresentados pelo CICB (2207), 40% dos defeitos no couro bovino decorrem da presença de ectoparasitos como bernes, carrapatos e sarnas na criação do rebanho. A marcação a fogo em partes nobres da pele corresponde a 10% dos defeitos, enquanto que a existência de galhos e espinhos nas pastagens, utilização de arames farpados nas cercas e ferrões são responsáveis por outros 10%, dos defeitos encontrados no couro bovino.

Outro grande vilão na qualidade de couro são os abatedouros, onde a má realização da esfola com ocorrência de furos, raias e excesso de sangue é responsável por 20% da perda de valor do couro, enquanto, que 10% da perda de valor decorrem da prática de salga. Ressalta-se ainda que 10% dos danos no couro, ocorrem durante o transporte dos animais das propriedades para os abatedouros, de acordo com o CICB, (2007).

Como resultado deste mau manuseio do couro, de acordo com a Embrapa, citado pelo CICC (2007) no Brasil apenas 8,6% do couro manufaturado pelos curtidores nacionais, são considerados de alta qualidade, enquanto que este índice é de 85% nos Estados Unidos.

Com o intuito de melhorar a qualidade do couro brasileiro, algumas iniciativas vêm sendo tomadas já há algum tempo. Iniciativas que de acordo com o CICB, 2007, são: observância quanto às técnicas de marcação do gado, de acordo com o Decreto-Lei 4714, de 29 de junho de 1965; investimento em tecnologia e métodos de aproveitamento de coros que permite reduzir os defeitos encontrados, no qual a Itália possui destaque na utilização desses recursos e o Brasil avança neste processo; seleção de fornecedores pelos demandantes, os quais optam por oferta de animais com características mais uniformes; entre as medidas mais recentes, destaca-se:

(...), implementação do Programa Brasileiro da Qualidade do Couro, em outubro de 2004, que consiste em uma parceria entre o Centro de Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), proporcionando resultados significativos na evolução qualitativa do couro brasileiro. CICB, (2007, p. 188)

Estima-se que devido a ma qualidade do couro, o Brasil perde aproximadamente US\$ 2 bilhões por ano em receitas.

6.2. A PRODUÇÃO DE COUROS NO BRASIL, TENDÊNCIA

A produção brasileira no setor coureiro, cada vez mais é voltada para o mercado internacional, apresentando significativo crescimento nas exportações da produção.

Acompanhando o crescimento do setor coureiro brasileiro no período de 1991 a 2003, em que o Brasil passou a produção de 23,4 milhões de peças em 1991 para 37,6 milhões de peças em 2003, acompanhou também o crescimento das exportações que passou de 20,2% das peças produzidas eram exportadas em 1991 para 57,54% das peças exportadas em 2003. Enquanto a produção aumentou aproximadamente 60,7%, as exportações aumentaram aproximadamente 400%.

TABELA 4 - PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE PEÇAS DE COURO DO BRASIL (Unidades) – PROPORÇÃO DA EXPORTAÇÃO (%).

ANO	PRODUÇÃO DE COUROS	EXPORTAÇÃO DE COUROS	EXPORTAÇÃO SOBRE PRODUÇÃO (%)
1990	23.000.000	5.674.666	24,67
1991	23.500.000	5.127.926	21,82
1992	24.000.000	5.745.885	23,94
1993	24.500.000	6.311.518	25,76
1994	24.500.000	6.788.050	27,71
1995	27.000.000	8.938.450	33,11
1996	28.000.000	13.274.686	47,41
1997	29.000.000	14.434.885	49,78
1998	30.000.000	14.864.998	49,55
1999	31.000.000	14.537.619	46,90
2000	32.500.000	14.738.606	45,35
2001	33.000.000	16.929.605	51,30
2002	35.500.000	18.837.681	53,06
2003	37.600.000	21.636.899	57,54
2004(e)	39.344.772	23.375.477	59,43
2005(e)	41.170.508	25.253.753	61,37
2006(e)	43.080.964	27.282.953	63,38
2007(e)	45.080.072	29.475.205	65,45

FONTE: CICB (2007). (e) estimativa.

6.3. DESTINAÇÃO DO COURO PARA UTILIZAÇÃO NO PRODUTO FINAL

No caso brasileiro, a destinação do couro para produção de calçados ainda é relevante, porém, este panorama tende a se modificar, acompanhando tendências do mercado mundial do couro, deslocando-se para os segmentos de couro para indústria de estofamento e da indústria de móveis, que juntas são responsáveis pelo consumo de cerca de 60% do couro consumido no Brasil.

Para um maior crescimento nestes segmentos, o Brasil precisa vencer desafios na melhora da qualidade do couro produzido, haja vista, o mercado de couros para estofamentos necessitar peles de qualidade superior, extensas e com pouco ou nenhum defeito.

A perspectiva de crescimento no mercado moveleiro, é grande, enquanto que no Brasil apenas de cerca de 2% a 4% dos estofados são revestidos com couro, na Europa, chega a proporção de 40% enquanto que nos Estados Unidos é de 20%, apontando assim que a muito a crescer no mercado brasileiro.

De acordo com o CICB (2007), do couro exportado pelo Brasil, sua utilização na origem no destino das exportações é de 60% para utilização nas indústrias de estofamentos, 25% destina-se as indústrias calçadistas e 15% são utilizados nas indústrias de artefatos de couro (cintos, vestuário, bolsas, etc.).

Mesmo com o aumento das exportações brasileiras para estes fins, grande parcela das exportações ainda deveram ser no tipo de couro wet blue.

TABELA 5 - VOLUME EXPORTADO PELO BRASIL POR TIPO DE COURO BOVINO NO PERÍODO 2002-2006

Couro	2002	2003	2004	2005	2006
Salgado	318.233	259.457	188.174	280.863	258.543
Wet blue	12.553.000	13.264.000	15.839.000	16.000.486	21.008.236
Crust	2.318.000	2.486.000	2.596.000	3.632.671	3.570.192
Acabado	3.983.000	5.886.000	7.747.000	8.312.935	11.268.590
Total	19.172.233	21.895.457	26.370.174	28.226.955	36.105.561

FONTE: CICB (2007)

O CICB justifica o crescimento da exportação deste tipo de couro, pelos seguintes fatores;

- i) sistema tributário, em especial pelas dificuldades no ressarcimento de créditos no Brasil; ii) barreiras tarifárias a produtos de maior valor agregado; iii) tendência crescente a redução do *lead time* (tempo de resposta a pedidos) entre acabadores e calçadistas, o que dificulta as exportações de couro acabado. CICB (2007, p. 141)

6.4. DESTINO DAS ESPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO

O grande rebanho bovino brasileiro faz com que o Brasil tenha grande participação no mercado mundial do couro, estando presente em 85 países. Porém, a participação é concentrada em apenas 9 países, que respondem por aproximadamente 90% das exportações brasileiras. CICB (2007).

Destes dez países a China, após a integração com Hong Kong, é responsável por mais um terço das exportações brasileiras no ano de 2006, com um valor de importações de US\$ 667,2 milhões, sendo responsável por 35,5% do valor exportado e 46% do volume exportado pelo Brasil. CICB (2007).

Em segundo lugar como comprador dos produtos brasileiros, aparece a Itália, que no ano de 2006 foi responsável por 26,9% do valor exportado e 30,2% do volume exportado pelo Brasil. CICB (2007).

Na terceira posição dos principais compradores do couro brasileiro, aparece os Estados Unidos, o qual no ano de 2006 foi responsável por 10,7% do valor exportado e 3,3% do volume exportado. CICB (2007).

Diante de tal quadro conclui-se que os Estados Unidos importam couros de maior valor agregado, enquanto que China e Itália, são importadores de couro com menor valor agregado.

TABELA 6 - DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COUROS E PELES (CAP.41 DA NCM) - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES E VARIAÇÃO NA PARTICIPAÇÃO.

PAÍSES	Valor US\$ Milhões		Percentual		Volume Toneladas		Percentual	
	2005	2006	2006	Variação	2005	2006	2006	Variação
China	484,0	667,2	35,5%	37,9%	155.767,7	193.092,6	46,0%	23,9%
Itália	332,9	504,5	26,9%	51,5%	97.885,6	126.842,6	30,2%	29,5%
EUA	156,3	201,2	10,7%	28,7%	11.363,9	13.837,7	3,3%	21,7%
Coréia do Sul	39,0	44,2	2,4%	13,3%	9.369,9	215,3	1,7%	-22,9%
Vietnã	10,6	35,8	1,9%	237,7%	1.634,0	8.950,8	2,1%	447,7%
Indonésia	9,1	35,2	1,9%	286,8%	820,6	2.802,5	0,7%	241,5%
Portugal	32,6	34,4	1,8%	5,5%	6.720,3	7.131,9	1,7%	6,1%
Taiwan	30,6	31,9	1,7%	4,2%	12.519,9	11.190,7	2,7%	-10,6%
Países Baixos	28,9	31,1	1,7%	7,6%	2.477,3	2.792,7	0,7%	12,7%
Sub-Total	1.124,0	1.585,5	84,4%		298.559,2	373.856,8	89,2%	
Outros	277,1	292,70	15,6%		38.298,1	45.495,6	10,8%	
Total	1.401,1	1.878,20	100,0%		336.857,3	419.352,4	100,0%	

FONTE: SECEX. ORGANIZAÇÃO: REVISTA COUROBUSINESS. CICB (2007)

Conforme se observa na tabela 6, além da grande importância da China, Itália e Estados Unidos, para as exportações brasileiras de couro, denota-se ainda um grande crescimento na participação do Vietnã e Indonésia, com crescimento de 447,78% e 241,52% respectivamente no volume importado do Brasil por estes países, entre 2005 e 2006. Contrastando com o crescimento do volume importado pelo Vietnã e Indonésia, houve redução na participação da Coréia do Sul e Taiwan no volume importado de couro brasileiro. Porém, esses países ainda obtiveram um pequeno aumento nos valores importados, demonstrando assim que no ano de 2006

em relação ao ano anterior, ambos importaram mais couros com maior valor agregado do Brasil

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO - 1989 = 100

Período	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Preço Médio das Exp. US\$/Kg	Var.Valor Exp. US\$	Var. Volume	Var. Preço
1989	241.917.687	72.515.044	3,34	100	100	100
1990	289.675.265	79.793.483	3,63	119,7	110,0	108,8
1991	306.449.579	75.158.573	4,08	126,7	103,6	122,2
1992	386.870.433	98.966.020	3,91	159,9	136,5	117,2
1993	394.886.379	80.872.950	4,88	163,2	111,5	146,4
1994	459.764.502	90.774.555	5,06	190,0	125,2	151,8
1995	574.269.458	155.073.188	3,70	237,4	213,8	111,0
1996	677.809.751	208.760.134	3,25	280,2	287,9	97,3
1997	740.058.273	216.492.609	3,42	305,9	298,5	102,5
1998	671.188.911	227.002.151	2,96	277,4	313,0	88,6
1999	600.203.244	204.705.775	2,93	248,1	282,3	87,9
2000	760.235.439	204.020.055	3,73	314,3	281,3	111,7
2001	880.739.016	223.440.228	3,94	364,1	308,1	118,2
2002	963.698.070	241.499.086	3,99	398,4	333,0	119,6
2003	1.062.015.017	263.283.421	4,03	439,0	363,1	120,9
2004	1.293.523.482	321.774.996	4,02	534,7	443,7	120,5
2005	1.401.131.004	336.858.502	4,16	579,2	464,5	124,7
2006	1.878.351.847	419.352.323	4,48	776,4	578,3	134,3
2007	2.193.931.184	402.428.915	5,45	906,9	555,0	163,4
2008	1.880.173.319	307.418.022	6,12	777,2	423,9	183,3
2009	1.160.769.887	318.594.445	3,64	479,8	439,3	109,2

FONTE: MDIC (2010). ELABORAÇÃO: AUTOR

A tabela 7, em conjunto com o gráfico 2, demonstra a evolução das exportações brasileiras de couro compreendidas no período de 1989 a 2009, tendo o ano de 1989 como base igual a 100.

Constata-se, que no período analisado, 2008 foi o ano em que se obteve o melhor valor para o kilo exportado de couro, valor de US\$ 6,12, enquanto que no ano de 1999 apresentou o menor valor por kilo exportado (US\$ 2,63). A partir de tais informações, se mantido o preço dos couros no mercado internacional, pode-se considerar que no ano de 1999 o Brasil exportou mais couros com menor valor agregado, enquanto que no ano de 2008 exportou mais produtos com alto valor agregado.

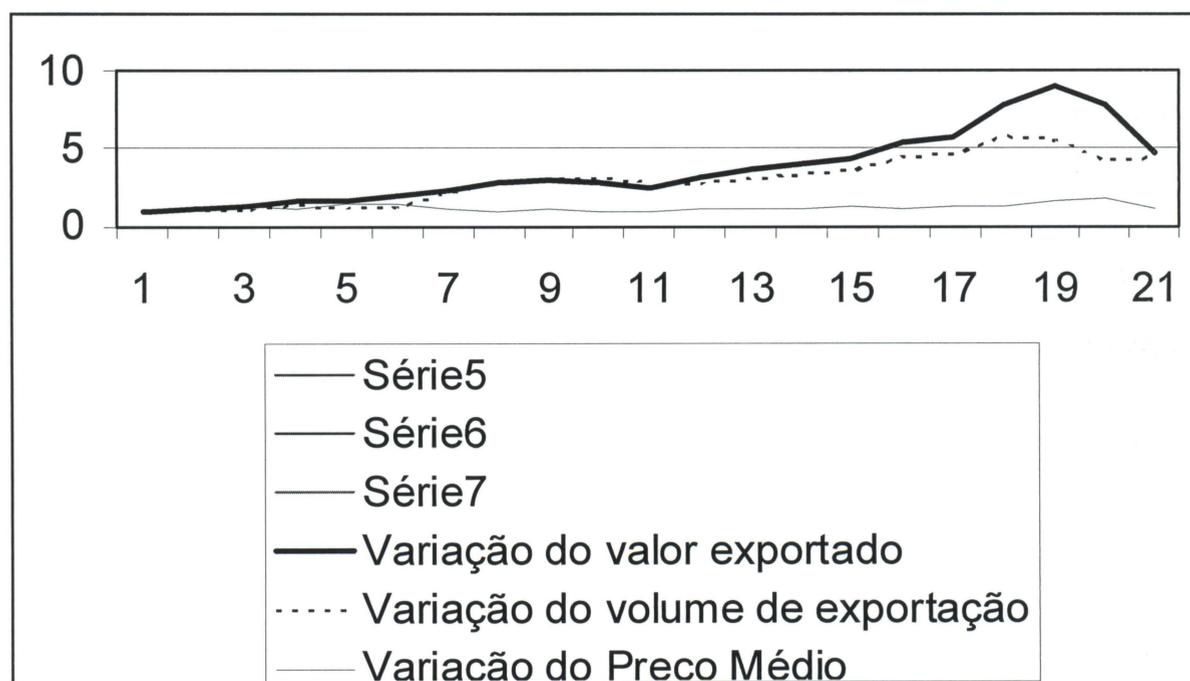
Constata-se também, que embora tenha ocorrido redução no valor médio por kilo de couro exportado pelo Brasil no ano de 1996 em relação ao ano de 1995, de

US\$ 3,70 para US\$ 3,25, houve aumento no valor total, motivado pelo aumento do volume exportado.

Observa-se que, no ano de 2006 o Brasil exportou o maior volume de couro de sua história, mais de 419 mil toneladas de produto, enquanto que no ano de 2007, obteve a maior receita com as exportações de couro que superaram US\$ 2,1 bilhões. Embora o volume exportado no ano de 2006 tenha sido maior que o volume exportado no ano de 2007, o valor exportado no ano de 2007 supera o valor exportado no ano de 2006, pelo fato do preço médio do kilo do couro recebido pelo Brasil em 2007 ser superior ao preço médio do kilo do couro em 2006 (US\$ 6,12 em 2007 contra US\$ 5,45 em 2006). Esses resultados apontam que o Brasil exportou mais couro com maior valor agregado em 2007 que em 2006.

Denota-se uma diminuição tanto no valor quanto no volume exportado pelo Brasil nos anos de 2008 e 2009. Tal fato em parte pode ser explicado pela deflagração no ano de 2008 da Crise do Sistema de Crédito Imobiliário Norte Americano, a qual teve repercussão em todos os setores da economia Mundial.

GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE EXPORTAÇÕES X PREÇO MÉDIO X VOLUME EXPORTADO DO BRASIL



BASE DE DADOS: MDIC (2010). ELABORAÇÃO: AUTOR

7. VANTAGENS COMPARATIVAS BRASILEIRAS NO SETOR COUREIRO

A seguir são apresentados dados comerciais de exportação de couro e exportações totais do Brasil, bem como dados das exportações mundiais de couro e total das exportações mundiais.

Os referidos dados serão utilizados para se obter os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas, também denominadas Índice de Balassa.

TABELA 8 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE COURO - EXPORTAÇÕES TOTAIS BRASILEIRAS E IMPORTAÇÕES MUNDIAIS - EM US\$.

PERÍODO	EXP. BRASIL. COURO	EXP. TOTAL BRASIL	IMP. MUNDIAIS COURO	IMPORTAÇÕES MUNDIAIS
1989	241.917.687	34.382.619.710		3.068.300.000.000,00
1990	289.675.265	31.413.756.040		3.491.600.000.000,00
1991	306.449.579	31.620.439.443		3.609.900.000.000,00
1992	386.870.433	35.792.985.844		3.847.500.000.000,00
1993	394.886.379	38.554.769.047		4.021.200.000.000,00
1994	459.764.502	43.545.148.862		4.430.000.000.000,00
1995	574.269.458	46.506.282.414		5.267.400.000.000,00
1996	677.809.751	47.746.728.158		5.534.200.000.000,00
1997	740.058.273	52.994.340.527		5.592.700.000.000,00
1998	671.188.911	51.139.861.545		5.524.400.000.000,00
1999	600.203.244	48.012.789.947		5.818.600.000.000,00
2000	760.235.439	55.118.919.865	16.894.120.867	6.613.300.000.000,00
2001	880.739.016	58.286.593.021	17.614.780.320	6.438.800.000.000,00
2002	963.698.070	60.438.653.035	17.208.894.107	6.734.200.000.000,00
2003	1.062.015.017	73.203.222.075	18.310.603.741	7.870.500.000.000,00
2004	1.293.523.482	96.677.838.776	17.965.603.917	9.557.000.000.000,00
2005	1.401.131.004	118.529.184.899	18.196.506.545	10.907.400.000.000,00
2006	1.878.351.847	137.807.469.531	18.415.214.186	12.600.200.000.000,00
2007	2.193.931.184	160.649.072.830	18.751.548.581	13.968.000.000.000,00

Fonte: MDIC (2009). SECEX (2009). DEPLA (2009). CICB (2008). ELABORAÇÃO: AUTOR²

Os valores abaixo foram encontrados através do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), de Balassa (1989), o qual se fundamenta na Teoria de Vantagens Comparativas desenvolvido por Ricardo (1817). Foi apurado o IVCR no período de 2000 a 2007, devido a indisponibilidade de dados referentes as exportações mundiais de couro em período anterior e posterior ao analisado.

² Devido à indisponibilidade de dados de importações e exportações mundiais de couro, foram utilizados os valores percentuais da participação brasileira na exportação mundial de couro, a fim de se estimar o total da exportação mundial de couro.

Devido a indisponibilidade de dados referentes aos valores anuais de importações mundiais de couro, na apuração do Índice de Balassa, foi considerado as exportações mundiais de couro e as importações mundiais, como sendo igual as importações mundiais de couro e as importações mundiais, respectivamente.

Os valores totais de exportação mundial estão no padrão CIF (*cust, insurance and freight*), ou seja, estão incluídos os valores de fretes e seguros. Para todos os demais itens, o padrão utilizado foi FOB (*free on board*), ou seja, considera-se o custo da mercadoria isento de fretes e seguros (GREMAUD et al., 2003). Devido a essa diferença entre CIF e FOB haverá uma pequena defasagem nos resultados encontrados Índice de Balassa.

TABELA 9 - VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA DO BRASIL NO COMÉRCIO MUNDIAL DE COUROS 2000-2007

ANO	RESULTADO BRASIL
2000	5,40
2001	5,52
2002	6,24
2003	6,24
2004	7,12
2005	7,09
2006	9,33
2007	10,17

Fonte: MDIC (2009). SECEX (2009). DEPLA (2009). CICB (2008). ELABORAÇÃO: AUTOR

Confrontados os resultados obtidos na tabela com as possibilidades de resultados do índice de Balassa, que pode ser: $IVCR_{i,a} > 1$: quando o país “a”, possui vantagens comparativas reveladas nas exportações do produto “i”; ou o $IVCR_{i,a} < 1$: quando o país “a”, não possui vantagem comparativa revelada na exportação do produto “i”. Denota-se que o Brasil possui Vantagem Comparativa Revelada no comércio Mundial de couro, pois, o menor IVCR encontrado foi 5,4 no ano de 2000, quando o basta o valor ser apenas superior a 1, para demonstrar tal vantagem.

Observa-se que em média os valores das Vantagens Comparativas Reveladas, são crescentes ao longo do tempo, demonstrando assim que as exportações brasileiras de couro vêm ganhando espaço no mercado internacional.

O resultado da Vantagem Comparativa nas Exportações de couro pode ser explicado pela disponibilidade de fatores de produção favoráveis tais como:

a) "disponibilidade de área de baixo custo, clima favorável, raças adaptadas e adoção de novas tecnologias de manejo e melhoria genética". ROPKE e PALMEIRA (2006, p. 3).

b) o Brasil congregar cerca de 10 mil indústrias no setor coureiro, entre indústrias de curtumes, calçados, componentes e máquinas e artefatos. ROPKE e PALMEIRA (2006, p. 3).

c) a produção brasileira no setor coureiro ser cada vez mais voltada para o mercado internacional, apresentando significativo crescimento nas exportações da produção.

d) o Brasil, possuir o maior rebanho comercial do mundo, podendo chegar a um rebanho de 255,8 milhões de cabeças em 2015. CICB (2007)

e) o país possuir potencial de crescimento de seu rebanho, tendo território superior a 850 milhões de hectares, com capacidade de expandir sua área de pastagem, sem comprometer espaços de preservação ambiental. CICB,(2007)

8. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a existência de competitividade no setor coureiro exportador brasileiro, para o qual foi utilizado como base o Índice de Vantagens Comparativas Revelado, também denominado Índice de Balassa.

Observou-se que o Brasil possui vantagens comparativas no comércio internacional de couros, com participação crescente, tendo seu produto exportado para mais de 80 países, porém apenas nove países representam quase que 90% do destino das exportações brasileiras.

É necessário ainda uma maior atenção dos integrantes da cadeia produtiva do setor coureiro, no que se refere a resolução de problemas relativos a qualidade do couro, o que pode tornar o setor ainda mais competitivo no cenário internacional, haja vista, que hoje, de acordo com o CICB (2007), apenas 8,6% do couro manufaturado pelos curtidores nacionais, são considerados de alta qualidade, enquanto que em países como os Estados Unidos, este índice é de 85%.

As exportações brasileiras de couro, estão concentradas no mercado de Peças de Couro Leves (*'Light Leather'*), tendo pequena participação no mercado de peças de Couro de Peso Salgado Molhado (*'Wet Salted Weight.'*).

O Brasil foi responsável por mais de 10% em termos de valores das exportações mundiais de couro no ano de 2006, demonstrando assim sua grande importância no cenário internacional. Por outro lado sua participação como importador é pouco significativo.

Esta característica exportadora do setor é de grande importância, pois ajuda o país na captação de divisas, sendo que a partir do ano de 1992, o setor é responsável por mais de 1% das exportações totais brasileiras, ultrapassando 1,5% do total exportado pelo Brasil no ano de 2001.

Dos resultados observados, denota-se que as vantagens que o Brasil possui em termos de território, tamanho de rebanho, e condições climáticas favoráveis entre outras refletem no comércio internacional do couro e derivados, fazendo deste um segmento relevante na pauta das exportações brasileiras.

9. REFERÊNCIAS

ARBACHE, J.S. **Comércio Internacional, Competitividade e Políticas Públicas No Brasil**. Brasília, ago. 2002.

BALASSA, B. **Teoria da Integração Económica**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

BATALHA, M. O. **As Cadeias de Produção Agro-industriais: Uma Perspectiva Para o Estado das Inovações Tecnológicas**. Revista de Administração, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 43-50, out/dez. 1995.

BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 1997.

BATALHA, M. O. de SILVA, C. A. B. **Competitividade Em Sistemas Agroindustriais: Metodologia e Estudo de Caso**. II Workshop Brasileiro de Gestão de Sistemas Agroalimentares, Ribeirão Preto, 1999.

CASTRO, A. M. G. **Cadeia Produtiva: Marco Conceitual Para Apoiar a Prospecção Tecnológica**. Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, Salvador, nov. 2002.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL – CICB. **O Brasil e o Mercado Mundial do Couro / Centro das indústrias de Curtumes do Brasil – CICB**. Brasília: LGE, 2007.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL – CICB. **O Mercado Chinês do Couro / Centro das indústrias de Curtumes do Brasil – CICB**. Brasília: LGE, 2008.

FASANO FILHO, U. **Uma Comparação Entre o índice de Vantagem Comparativa de Bowen e o Tradicional Índice de Vantagem Comparativa Revelada: O Caso Brasileiro – 1964/81**. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, p.456-469, ago. 1987.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro, 1985-2008. Disponível em: < <http://funcex.com.br/basesbd.asp>>. Acesso em 27/04/2010.

GORINI, A.P. de SIQUEIRA, S.H.G. **Complexo Coureiro-Calçadista Nacional: Uma Avaliação do Programa de Apoio do BNDES**. BNDES, Brasília, 2002.

GREMAUD, A. P. et al. **Manual de Economia**. 4. ed. São Paulo, Saraiva, 2003.

ISTAKE, M. **Comércio Externo e Interno do Brasil e das suas Macrorregiões: Um Teste do Teorema de Heckscher-Ohlin**. Piracicaba, 2003.

KRUGMAN, P; OBSTFELD, M. **Economia Internacional – Teoria e Prática**. 5. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.

MACHADO, J. B. M. **MERCOSUL: Processo de integração: origem, evolução e crise**. São Paulo, Aduaneiras, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUDIAL DO COMÉRCIO. **Estatísticas internacionais de mercadorias e serviços**. Disponível em: <<http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDDBStatProgramTradeFlow.aspx?Language=E>>. Acesso em 11/05/2010.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. São Paulo, Makron Books, 1994.

ROPKE, C. R.V. de PALMEIRA, E.M. **Competitividade das Exportações Brasileiras de Couro**. Observatório de lá Economia Latinoamericana, Pelotas, n. 71, dez. 2006.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000.

CONCORRÊNCIA. In: SANDRONI, P. **Dicionário de Economia do Século XXI**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SISTEMA DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR VIA INTERNET – ALICEWEB. **Dados estatísticos de importações e exportações brasileiras**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em 25/05/2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.